

# O SINTOMA NA PSICANÁLISE E A SUA RELAÇÃO COM A SEXUALIDADE

Vivian Martins Ligeiro<sup>1</sup>

Caroline Oliveira Levate<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho marca o início de nosso questionamento sobre a relação entre o sintoma e a sexualidade, na medida em que todo sintoma é um substituto da vida sexual do sujeito. Com o intuito de investigar tal relação, vamos partir do conceito de real para a psicanálise, que atesta a impossibilidade de satisfação sexual inerente ao ser humano. O real marca o impasse que o sujeito é colocado diante do sexo, portanto, a sexualidade no ser humano é marcada pela impossibilidade de uma satisfação completa, ao contrário do que ocorre com os animais. Encontramos subsídios para a reflexão sobre o conceito de real na teoria lacaniana nas formulações de Freud sobre o incesto bem como na noção, trazida por Freud e desenvolvida por Lacan de *das Ding*, a coisa, o objeto incestuoso. Empreendemos uma revisão bibliográfica sobre o tema, nas obras de Freud e Lacan, selecionando os textos que discorrem sobre o sintoma e a sexualidade. Concluímos, pois, que é diante dessa impossibilidade de satisfação completa, atestada pela ausência de um objeto adequado para a pulsão, que o sintoma será constituído e se presentificará na vida do sujeito, na condição e um substituto de uma realização sexual, que sempre fracassa. A vivência Edipiana, a qual para a mulher inclui uma fase pré-edipiana, possibilita dar um contorno a essa impossibilidade, na medida em que permite ao sujeito eleger objetos de amor e identificações.

**Palavras-chave:** sintoma, psicanálise, sexualidade, real.

---

<sup>1</sup> LIGEIRO, Vivian Martins. Professora da Universo- Juiz de Fora/ Psicologia

<sup>2</sup> LEVATE, Caroline Oliveira. Professora/gestora da Universo- Juiz de Fora/ Psicologia.

## 1 Introdução

É sabido que a sexualidade se apresenta como um dos conceitos de base da psicanálise, dessa forma, sua compreensão torna-se essencial para futuros trabalhos científicos na área, além de trazer subsídios que nos auxiliam diante dos impasses trazidos pela clínica psicanalítica.

Os textos freudianos que tratam, em especial, das questões relativas à sexualidade infantil e dos conflitos, que se manifestam na vida adulta, mas que têm sua origem nas fantasias sexuais recalcadas nos primeiros anos de vida, mostram-se de suma importância para a compreensão do ser humano em toda a sua complexidade, consoante o viés psicanalítico.

Sabemos que a sexualidade opera uma divisão radical entre o ser humano e os animais. Estes são guiados pelo instinto, um saber prévio de sua espécie que orienta o animal em todos seus comportamentos, tais como a fome e o sexo. O ser humano encontra-se desamparado pelo instinto, ou seja, não existe para o indivíduo humano um saber prévio que o oriente em suas escolhas. Partindo dessa ideia, Freud (1905) cria o conceito de pulsão, uma força constante cujo objetivo é a satisfação, o qual nunca atingirá por completo. Tal insatisfação inerente à pulsão explica-se pela ausência de um objeto que a satisfaça por completo, ou seja, um objeto adequado para satisfação. Como não há esse único objeto, qualquer objeto será capaz de satisfazer parcialmente essa pulsão. Assim, nossa questão fundamental é em torno da particularidade do conceito de sexualidade, estudado por Freud.

Para Freud, a diferença sexual não é categoricamente definida pela anatomia, mas as identificações advindas do complexo de Édipo têm um papel fundamental. Desejamos empreender um estudo sobre os Complexos de Édipo e de castração a fim de verificar quais suas diferenças entre os sexos feminino e masculino. Portanto, nossos estudos irão se limitar à fase fálica do desenvolvimento libidinal infantil, na qual ocorre tais transformações no que concerne à sexualidade.

Lacan denomina “A terceira” (1974) de “seminário sobre o real” o que justifica a profusão de referências do autor a este registro neste trabalho. O real é descrito como aquilo “que não anda”, como uma “pedra no caminho”, ou seja, apontando para algo

que não funciona. Chamou-nos a atenção o destaque dado por Lacan ao sintoma, sendo aquilo “que vem do real”.

Este trabalho marca o início de nosso questionamento sobre a relação entre o real e o sintoma, que surgiu a partir da afirmação de Lacan “O sentido do sintoma é o real. Percebemos, ao longo de nossa reflexão, que tal relação é atravessada pela sexualidade.

## **2 Metodologia**

Tratou-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, a qual se baseou em um elenco de textos freudianos cujo tema central constitui a sexualidade.

## **3 Desenvolvimento**

Freud (1996/1905) discorda do pensamento de sua época de que a sexualidade era uma aquisição apenas obtida na fase adulta e afirma que a criança também apresentava um modo de vivenciar a sexualidade. Ao descrever as zonas erógenas – partes do corpo por onde se obtém prazer –, Freud (1996/1905) afirma que o corpo todo da criança é erotizado, não havendo ainda uma prevalência do genital, como é para o adulto. A sexualidade se distribui pelas bordas, os orifícios do corpo do indivíduo, canal privilegiado de relação com o mundo. A essa modalidade de sexualidade, na qual não há prevalência da região genital e que se desenrola de maneira livre e ainda sem o impedimento dos diques anímicos (vergonha, asco e moral), Freud denomina de “perverso polimorfa”.

O autor (1996/1905) descreve três fases pré-genitais, que denotam o investimento da libido em diferentes zonas erógenas, que vão mudando a ênfase de acordo com os cuidados que o bebê recebe do mundo. A libido é a energia da pulsão, por meio da qual o sujeito realiza seus investimentos, que podem ser no próprio corpo ou em um objeto externo. A primeira fase pré-genital do desenvolvimento libidinal é a oral, que se desenvolve a partir da amamentação e que se afirma com o “chuchar”, movimento rítmico da boca que a criança realiza com o único objetivo de obter prazer. A prevalência do investimento libidinal se desloca para o ânus, devido ao início do controle da criança dos seus esfíncteres. Em um terceiro momento, como veremos, o

interesse pela diferença sexual ganha terreno, o que marca a fase fálica, na qual ocorre os complexos de Édipo e de castração. Antes de ingressar na fase genital, que caracteriza a sexualidade adulta, a criança vivencia o período de latência, no qual a sexualidade é desviada do corpo para atividades intelectuais e artísticas, as quais promovem a inserção da criança na cultura.

O que podemos depreender dos ditos de Freud sobre a sexualidade é o fracasso desta, sua impossibilidade. Enquanto o instinto representa um saber sexual sobre a espécie animal, o ser humano chega ao mundo desamparado desse saber instintual. A pulsão – força constante correlata ao instinto para a espécie humana – não possui um objeto determinado, sendo qualquer objeto capaz de proporcionar uma satisfação apenas limitada ao ser humano. Portanto, não há objeto sexual adequado para a pulsão, nem tampouco uma garantia de identificação com os lugares de homem ou mulher. A satisfação pulsional se dá no circuito, no qual a pulsão sai de uma borda ou zona erógena e retorna a ela mesma, apenas contornando o objeto de satisfação, inapreensível.

Na medida em que sustenta que a anatomia não é suficiente para dar conta do enigma entre os sexos, Freud utiliza como recurso as noções de atividade e passividade para dar contorno ao que existe de insondável da diferença sexual, mas o próprio autor aponta para os limites de tal bipolaridade. Em nota, acrescentada em 1915 de seus “Três ensaios”, o autor admite

É indispensável deixar claro que os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora sem empregam “masculino” e “feminino” no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise (FREUD, 1996/1905, p. 207).

Um dos aspectos que revela a constatação de Freud de sua impossibilidade de nomear o que é o homem e a mulher aparece com o tema da bissexualidade. Existiria em todos os seres humanos certo grau de hermafroditismo anatômico, ou seja, sempre há vestígios no indivíduo do aparelho sexual do sexo oposto, ainda que de forma

atrofiada. Dessa maneira, Freud, contrariando a opinião popular de que um indivíduo ou é homem ou é mulher, demonstra que o sexo não é algo evidente. Não há um fator último pelo qual o sujeito é capaz de se denominar homem ou mulher.

Notamos a importância central dos complexos de Édipo e de castração para ambos os sexos, em sua identificação com um dos pólos. Na impossibilidade de ter uma garantia do que é ser homem ou mulher, o sujeito cria identificações a um destes sexos, a partir da vivência edipiana. Os complexos de Édipo e de castração ocorrem na fase fálica, aquela que a criança desperta para o enigma da sexualidade. Em seu texto “Sobre as teorias sexuais infantis” (1996/1908) Freud descreve o movimento de investigações das crianças sobre a questão da sexualidade. Impulsionadas pela pergunta “de onde vem os bebês?”, a criança cria teorias fantasiosas para responder, construindo um saber sobre o sexo.

A mãe é o primeiro objeto de amor para ambos os sexos, já que é dela que advém os primeiros cuidados. O menino vive com sua mãe o complexo de Édipo, tendo o pai como um rival perturbador em relação ao amor exclusivo da mãe. Ele abandona os desejos incestuosos diante a intervenção do pai, o qual anuncia a castração. O menino, a fim de preservar narcisicamente seu órgão valioso, abandona o complexo de Édipo devido ao complexo e castração. Freud (1996/1924) afirma que o complexo de Édipo não é banido pelo sujeito, mas dissolvido. Ou seja, seus componentes são integrados à personalidade do sujeito. Notamos a ação do complexo de Édipo na vida amorosa do sujeito, atuando de forma inconsciente. O herdeiro mais notável do complexo de Édipo é o superego, instância que regula a moral do sujeito, que se configura como uma introjeção da lei imposta pelo pai. Além do superego, constatamos que do Édipo resta para o sujeito suas escolhas amorosas e suas identificações.

A menina tem que empreender duas tarefas a mais que o menino: ela deve renunciar ao amor da mãe e aceitar sua falta fálica, na medida em que seu diminuto clitóris não abarca sua sexualidade. A menina desloca da mãe em direção ao pai e com este, vivencia o complexo de Édipo e exige deste um filho para compensar sua falta fálica. Concluimos, então, que, ao contrário do menino que abandona o complexo de Édipo devido ao complexo de castração, a menina entra no complexo de Édipo pela via do complexo de castração, o qual é experimentado pela menina sob a forma de inveja do pênis.

Freud (1996/1933) descreve igualmente uma fase anterior ao Édipo, a qual a menina vivencia com a sua mãe, denominada fase pré-edipiana. Nesta, a menina

vivencia um período de amor intenso e exclusivo com sua mãe, e o pai é visto apenas como um rival perturbador. Freud (1996/1931) afirma que o complexo de Édipo feminino nunca é tão bem dissolvido quanto o do menino. Este possui um forte motivo para abandonar seus investimentos libidinais edipianos, o seu interesse narcísico de preservar o órgão. Como a menina não tem nada a perder, mas a reivindicar, ela permanece um tempo indeterminado no complexo de Édipo e retorna sempre à relação primitiva com sua mãe, já que não consegue obter deste identificações propriamente femininas. A menina exige do pai um filho deste e na impossibilidade, retorna à mãe com exigências. Freud (1996/1933) afirma que um meio de solução a este impasse seria a mulher ter um filho homem, que configura o relacionamento mais livre de ambivalência possível. Se a mulher tem uma filha, ela repete todas suas queixas e insatisfações que foram dirigidas a sua mãe, repetindo e atualizando o modelo pré-edipiano nesse novo laço com sua própria filha. Portanto, a configuração pré-edipiana é essencial para compreender a sexualidade feminina.

Em sua conferência sobre “O sentido dos sintomas” Freud (1996/1917 [1916-17]) afirma que os sintomas neuróticos, assim como os sonhos e atos falhos, têm um sentido e possuem uma ligação com a vida de quem os produz. Com o intuito de demonstrar tal proposição, Freud descreve dois casos de neurose obsessiva nos quais os rituais possuem uma significação ligada à sexualidade.

O primeiro caso é de uma jovem senhora que realizava o curioso ritual de correr de seu quarto a outro e ao chegar ao segundo quarto, assumia uma posição diante de uma mesa onde se encontrava uma toalha manchada. Depois de se posicionar no quarto, chamava sua empregada para em seguida dispensá-la sem explicações e, assim retornar ao seu quarto. O que se revelou da análise da paciente foi que o ato obsessivo funcionava como a representação de uma cena importante, a de sua noite de núpcias. Nesta noite, seu marido ficara impotente e envergonhara-se de que nenhuma mancha de sangue seria vista pela empregada no dia seguinte. Para Freud, o ritual não tinha apenas a função de repetir a cena traumática, mas ainda, de corrigi-la. Dessa maneira, por meio deste ritual aparentemente sem significação, a paciente modificava a impotência do marido.

O segundo caso é de uma jovem de dezenove anos que realizava sistematicamente um ritual para dormir, o qual ela justificava racionalmente por sua necessidade de silêncio. Todos os relógios da casa eram removidos ou parados e os vasos de flores eram arrumados de modo que não pudessem cair e quebrar durante a

noite. A porta do quarto dos pais deveria permanecer entreaberta e a jovem arrumava seu travesseiro na cama de um modo específico, formando um diamante. Freud (1996/1917 [1916-17]) aponta a profusão de elementos relacionados à sexualidade presentes neste ritual que corresponde a fantasias da paciente, reveladas pela interpretação. O ritual, portanto, não foi resultado de uma única fantasia, mas de várias, embora elas tivessem um “ponto nodal” (FREUD,1996/1917 [1916-17]):276) que consistia no desejo, fundamentalmente incestuoso, e sua defesa contra ele. Assim, a partir destes dois exemplos, Freud demonstra e reafirma a etiologia sexual do sintoma. Em sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, Lacan comenta:

Se Freud trouxe alguma coisa foi isso. Que os sintomas têm um sentido e que só se interpretam corretamente – corretamente querendo dizer que o sujeito deixa cair um pedaço dele – em função de suas primeiras experiências, isto é, na medida em que encontre o que hoje chamarei, por não poder dizer nada mais nem nada melhor, a realidade sexual (LACAN, 1975/ Inédito).

Num retorno ao caso Hans, Lacan (1975) discorda de Freud, ao afirmar que o momento que a criança descobre a realidade sexual em seu próprio corpo, não se trata de autoerotismo, mas de algo hetero, ou seja, que implica o Outro. Hans, ao se deparar com sua própria ereção, a coloca num objeto externo, o cavalo, que representa aquilo que ele deve enfrentar e, no entanto, ele não compreende nada. Portanto, para Lacan, o inconsciente, conceito inventado por Freud, é uma descoberta que está ligada ao encontro que certos seres têm com sua própria ereção, em outras palavras, o inconsciente relaciona-se com a realidade sexual.

Não lhes passa pelo espírito que essa realidade sexual, como eu me exprimia a pouco, se especifica no homem pelo seguinte: que não há, entre o macho e fêmea, nenhuma relação instintiva? Que nada faça que todo homem – para designar o homem mediante o que lhe vá bastante bem, dado que se imagina naturalmente a ideia do todo – que todo homem não esteja apto para satisfazer toda mulher? O que efetivamente parece ser a regra no que concerne a outros animais. Evidentemente, eles não se satisfazem todas as fêmeas, mas se trata apenas de aptidão. O homem – pois pode falar do homem, precedido pelo o – é necessário que se contente em sonhar com isso. É necessário que se contente em sonhar com isso porque é absolutamente certo que, não só satisfaz toda mulher, senão que A mulher – peço perdão pelo que segue, aos membros do MFL talvez presentes aqui – A mulher

não existe. Há mulheres, mas A mulher é um sonho do homem. (LACAN, 1975/ Inédito).

A realidade sexual afasta-se da ideia de complementariedade sexual, de união genital, sendo, pois, marcada por essa falta fundamental que Lacan descreveu como a inexistência da relação sexual, em torno da qual o inconsciente se estrutura como linguagem. Lacan relaciona a ilusão que temos da existência da relação sexual à referência que o sujeito encontra no “modelo animal” (LACAN,1971-72/2012 :95) que é a aptidão de cada ser de um lado (dos dois universais) se relacionar com qualquer um do outro lado.

Não há aparências entre os animais, nem estupros nem todas estas complicações, toda esta lábria que fazemos em torno disso. Isso se passa para eles de uma maneira, para tudo dizer, civilizada [risos]. Para o homem, acontece o que chamamos de dramas... Pelo que passa, claro, todo mal-entendido. Quisesse Deus que os homens fizessem amor como os animais, seria agradável. (LACAN, 1972)

Luciano Elia (1995) esclarece que podemos depreender da teoria e da experiência freudianas que o conceito de incesto refere-se a uma posição subjetiva em que a relação sexual é suposta possível pelo sujeito. O núcleo edípiano da neurose se sustenta, pois, na aspiração à complementariedade sexual, no desejo de fazer um, de estabelecer uma relação plena com o Outro.

Em “Totem e Tabu”, Freud (1996/1913[1912-13]) constata que o “horror ao incesto” (FREUD,1996/1913[1912-13]:21) não é localizável apenas nos povos civilizados, mas podemos também encontra-lo em tribos mais selvagens, como nos aborígenes australianos. Ainda que, nesta tribo, a família verdadeira veio a ser substituída pelo clã totêmico, toda organização social serve ao intuito de evitar e punir relações incestuosas entre pessoas do mesmo totem.

Freud destaca a característica infantil do incesto e ressalta a predominância da corrente sexual incestuosa na vida psíquica inconsciente dos neuróticos.

A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que

predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam a desempenhar o papel principal em sua vida inconsciente. (FREUD,1996/1913[1912-13]:35) .

O grande achado de Freud, para Lacan (1959-60/1997), foi que *das Ding*, ou o objeto do incesto, apresenta-se ao nível da experiência inconsciente como aquilo que constitui a lei, ao mesmo tempo que representa o desejo mais fundamental do sujeito. Assim, o inconsciente, regido pelo princípio de prazer regula sua distância de *das Ding*. Contudo, Lacan salienta que essa distância se caracteriza como uma “distância íntima” (LACAN, 1959-60/1997:97) que o sujeito mantém com seu objeto de desejo, na medida que ele evoca a Coisa.

#### **4 Conclusão**

Em conclusão, a afirmação de Freud de que “o sintoma é a vida sexual do neurótico” pode ser entendida pela constatação de que existe, no cerne mesmo da sexualidade, uma impossibilidade de realização, uma falha, um limite, ou seja, algo que não funciona, marcada pelo próprio funcionamento da pulsão, a qual busca a satisfação mas nunca a atinge de forma completa. O Édipo tenta dar um contorno a essa impossibilidade na medida em que possibilita o sujeito situar-se como homem ou mulher e eleger seus objetos de amor. O sentido dos sintomas é o real, ou seja, a sexualidade se manifesta como sintoma apontando a impossibilidade da relação sexual. É diante dessa impossibilidade que o sintoma tenta proporcionar um prazer substitutivo.

#### **5 Referências**

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7. p.117-288.

\_\_\_\_\_. Sobre as teorias sexuais infantis (1908). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v 9. p. 191-209.

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu (1913[1912-13]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol.13. p 11-162.

\_\_\_\_\_. Conferência XVII: O sentido dos sintomas (1916-17[1915-16]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V16. P 251-283.

\_\_\_\_\_. Organização genital infantil (1923). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v19 . p. 153-163.

\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924) In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v 19. p.189-201.

\_\_\_\_\_. Sexualidade feminina (1931). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V21 . p. 229-254

\_\_\_\_\_. Feminilidade (1933). In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V 22. p.113-135.

ELIA, Luciano. Corpo e sexualidade em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

LACAN, Jacques. A terceira (1974). Circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. Conférence à l'Université de Milan (1972). In: Lacan en Italie. Disponível em <http://www.valas.fr/Lacan-in-Italia-1953-1978,079>. Acesso:15/10/14.

\_\_\_\_\_. Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975). Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>. Acesso: 15/10/14

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 7: *a ética da psicanálise* (1959-60). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.